

“... e sofro e gozo...”: escrita e mística em ir. Antonieta Farani, CP

Jonas Miguel Pires Samudio ¹

Resumo: O ensaio apresenta, de modo inédito, uma leitura de fragmentos dos diários de ir. Antonieta Farani (1906-1963), religiosa passionista brasileira, considerando as relações entre escrita, corpo, experiência mística e gozo feminino. Tomamos como aporte reflexivo as noções de: letra e gozo (Jacques Lacan); experiência literária (Maurice Blanchot); experiência mística (Hans Urs von Balthasar); ponto (Michel Henry); corpo (Jean-Luc Nancy); e escrita feminina (Lucia Castello Branco).

Palavras-chave: Escrita. Mística. Antonieta Farani.

Em 1950 a Madre me disse: – Escreva Antonieta... E me deu um lápis... Vi nesta expressão uma bênção para este ano, uma nova licença. Mas mesmo assim, não cessou minha dúvida... (FARANI, 1990, p.12).

Um lápis, reticências, todas as dúvidas, reticências, o gozo.

Escrever sobre a mística é, para mim, uma experiência, próxima e distante da que alcançou a escrita.

Testemunhar uma testemunha, multiplicar o fim, eu a escreveria.

Testemunhar uma testemunha: por volta de 1998, residindo entre a fronteira do Paraná e Santa Catarina, entre o esperado, o inesperado e o que não sei, acabava de iniciar uma trajetória de proximidade com a vida religiosa – institucionalmente compreendida. Próximo das Filhas da Caridade, congregação que administrava o hospital são Vicente de Paulo, em Mafra-SC, em meus primeiros passos fora da discursividade estritamente familiar, recebi um pequeno livro, a biografia de uma religiosa, ir. Antonieta Farani – no século, Maria Farani, filha de pais italianos, religiosa passionista, nascida em Curitiba (1906) e falecida em São Paulo (1963) –, de Afonso de Sta. Cruz, intitulada *A freira do perdão* (1982). Eu que, até então, lera os livros da coleção Vagalume, do Sítio do Pica-Pau Amarelo, começava a ler hagiografias e livros místicos, e pensava, como, ainda hoje, muitos pensam, que a mística, tal como Santa Teresa, São João da Cruz e tantos outros exemplificam, não encontrara formas de manifestação no Brasil.

Em larga medida condenadas, salvo raras e mais recentes exceções, ao serviço braçal – educacional, hospitalar – e aos cuidados de casas paroquiais e palácios episcopais – como

¹ Escritor, doutorando em Estudos Literários (UFMG). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1740116930835433>. E-mail: alfjonass@yahoo.com.br

secretarias, cozinheiras e faxineiras – parecia-me que as religiosas, no Brasil, não tinham a sofisticação das místicas – pois se trata de uma multiplicidade de formas pelas quais a experiência foi vivenciada no Ocidente e no Cristianismo, dois critérios que me guiam em minhas investigações –, formas de pensamento irradiadas do corpo que, tendo sua origem na Idade Média, como um aborto, singularidade esdrúxula, como mutante, o fora-de-série que traz a série consigo (LLANSOL, 1999, p.7), emergiram, ao modo de uma ciência experimental de Deus, sobremaneira no Renascimento (cf. CERTEAU, 2015). Enganei-me, e desse engano me acusei diante da biografia de ir. Antonieta Farani que continha, ao final, um rápido compilado de seus diários; logo em seguida, ganhei duas pequenas coletâneas: *O amor filial vence distâncias* (1989), que contém suas cartas à mãe (enviadas entre 1927-1947); *A cantora do amor* (1990), fragmentos de seus diários comentados, editados e, por vezes, com trechos suprimidos, pelo padre Silvio Mazzarotto, CP.

Se a essas publicações falta um maior cuidado editorial – da capa aos comentários que aclimatam e, por vezes, tornam o texto piegas –, não é menos verdade que elas apresentam um testemunho: o de que uma mulher, entre os afazeres nos asilos, escolas e como provincial de sua congregação, entre a dedicação às práticas religiosas comuns e os costumes exteriores, experienciou o *a mais* e o *além* e o transcreveu no silêncio de sua cela, nos poucos intervalos entre as atividades – conforme uma religiosa que entrevistei e que a conheceu: em qualquer papel, a qualquer momento, ela se retirava e escrevia. “Gosto de escrever o que **minha língua diria**” (FARANI, 1990, p.12, destaques no original), registrou em seu diário, como se escrevesse:

Afinal, o que busca o texto místico senão essa fala amorosa, essa adoração exaustiva de alguma coisa que, de tão íntima, de tão singular, de tão *real*, não cabe em palavras? Através do texto místico sabemos que o amor de Deus (e o amor *por* Deus) não cabe em palavras. E no entanto os místicos falam. Falam desse amor que, embora impossível de dizer, é também impossível de calar. E nessa fala há um gozo, que se percebe na repetição excessiva de signos, na recorrência exagerada às exclamações, no júbilo que transparece num discurso reticente, prolixo, interminável (CASTELLO BRANCO, 1991, p.71-72).

E escrevo, como testemunha: tive acesso às mais de mil páginas de seus diários e cartas, escritos espirituais, recomposição do diário (cujas primeira versão fora queimada, por obediência, em 15/07/1935), datilografados ou fotocopiados, guardados na sua última cela, junto aos originais, lacrados e protegidos – tendo em vista o processo de beatificação iniciado em 1982. Ao abrir a porta – encimada por uma cena: da placa “Memorial Venerável ir. Antonieta Farani”, o “Memorial” estava destacado e colocado sobre uma vitrina; na madeira, restavam, testemunhando a escrita da antiga moradora: alguns pontos –, pude tocar nas paredes de seu quarto, sentar-me à sua mesa e, lá, escrever.

A experiência do excedente pede uma escrita que escapa, reduzindo-se ao campo da letra que se endereça à testemunha: a presença que impregna a escrita e seus pobres objetos pode ser lida e vista na carta, *lettre*, letra, pois “a letra lê-se como uma carta. Parece mesmo feita no prolongamento da palavra. Lê-se, e literalmente” (LACAN, 2008, p.32).

Nessa carta – dirigida ao Amor, “Rouxinol dos eternos hinos” (FARANI. *Carta de 17/03/1957*) em cujo trinado ela goza, há trinta anos, carta endereçada ao ausente e recebida por seu diretor espiritual – pois, sabendo que “o gozo supremo é endereçado não ao homem, mas a Deus” (POMMIER, 1991, p.73), para as mulheres místicas a figura do confessor ou diretor espiritual serve como testemunha institucionalmente autorizada do seu testemunho (cf. POMMIER, 1991, p.72-73) – nos interrompemos no fragmento:

.....
Que beleza! Não soube escrever.
.....

(FARANI. *Carta de 17/03/1957*).

O infinito, ou o impossível, é sua própria instauração e, nela, se multiplicam as reticências, os pontos, ao redor de uma exclamação vaga: “Que beleza! Não soube escrever”, essa a única afirmação possível, talvez, em que a página aparece como o vazio e os impossíveis da linguagem na marcação de um ritmo, uma pulsação que desenha um corpo em suas tentativas de enunciação: a escrita de uma experiência que lhe ultrapassa. “Que beleza! Não soube escrever”: ao redor da beleza, do não saber e do escrever: o gozo em sua pulsação, ponto a ponto a ponto, desenhando, no infinito da página, os traços de uma sexualidade excessiva – testemunho que o significante mais frequente nos diários é, de longe, “gozo” –, marcada pelo instrumento de escrita recebido de uma outra mulher e que, dirigido ao ausente, ritmadamente, faz força contra a página. E, nesse sexo e em seu gozo, esta mulher se escreve como a que escreve o não saber o mais próximo do horror do real, a beleza. Um não saber que se coloca ao lado de outros modos de saber, como uma espécie de “conhecimento experimental de Deus (*cognitio Dei experimentalis*)”, uma experiência do divino não apenas conceitual, mas também existencial” (BALTHASAR, 2008, p.249, tradução nossa); saber, pois, de amorosos, pois “que se poderá ver em Deus, e de que outra maneira se poderá contemplá-lo, senão, em uma correspondência amorosa?” (BALTHASAR, 1969, p.187). E, talvez, sobretudo, um não-saber e uma arte de amorosas.

Ponto a ponto a ponto, o não saber do feminino e de seu gozo se dizem, aqui, na intensidade pulsante da mística, a testemunha: “E de que ela goza? É claro que o testemunho essencial da mística é justamente dizer isso, que sentem isso, mas sobre isso nada sabem” (LACAN, 2010, p.154): não saber e beleza, a pulsação que desenha, a cada vez um e outro, ponto a ponto a ponto. Feitura de furos. Bordadura, costura, ponto de letra. E, desde sempre, sem língua suficiente, em entusiasmo: plenificada de Deus, como testemunha: “Depois da primeira comunhão que foi em 18/09/1921, quando já tinha completado 15 anos, é que

comecei a sentir a necessidade de expandir-me no papel...” e “Comecei então a tomar nota. Primeiro, timidamente, quase às escondidas, tudo por reticências, meio em italiano, um pouco em francês, a fim de que só eu pudesse entender... mas o entusiasmo foi crescendo” (FARANI, 1990, p.10-11). Nas reticências, o entusiasmo do que não pode ser dito e não cessa de emergir na superfície da página que é, também, a superfície de um corpo. Ponto a ponto a ponto, “parece-me estar como uma pedra, deslocada, solta no espaço... pesada, sem apoio... sem ação...” (FARANI, 1990, p.39), pedra solta e deslocada, um corpo que tem peso e gravidade, é grave, e, quando cai, não o faz em apenas uma direção, e também é leve, solto no espaço. O corpo de Antonieta escreve a verdade de seu gozo quando se descobre na falta de apoio na língua que o ponto a ponto a ponto, de um lado, diz, pois o ponto, em sua solidão, se multiplica quando os significantes faltam, o que parece nos indicar que este corpo se mostra no gozo de que nada sabe: “a ausência de saber, ou antes, de um sujeito desse saber perfeito que rege a marcha do Universo, exige uma oferta onde o corpo tem sua parte. Essa mostra de um corpo martirizado descobre o gozo que o anima” (POMMIER, 1991, p.66) e que aponta o impossível de ser dito não como algo a respeito do que se goza, mas do próprio de/em Deus quando ele se aproxima: “a proximidade de Deus significa o apagamento final do corpo, tema universal da mística que conjuga gozo e aniquilamento” (POMMIER, 1991, p.70).

Ponto a ponto a ponto, faz ponta, faz ponte até o infinito: multiplicar o fim mostra-o como sem fim, como um “sofrer o desejo, gozando-o” (FARANI, 1990, p.40). Multiplicar o fim como experiência que, por outro lado, faz ponto: bordado e costura, desenho de um corpo que suporta o seu hábito, um vestido. Assim, se, de um lado, é o impossível que impele a escrever pontos e reticências, de outro, o ponto aponta: é uma porção de linha entre dois furos; furo feito por uma agulha; sinal de fim da oração ou frase; lugar de uma cerzidura em tecido; para a gramática, indica a pausa maior (cf. BECHARA, 2009, p.516). A “derradeira e única união absoluta do silêncio com a fala” (KANDINSKY, citado por HENRY, 2012, p.64), “o que é próprio ao ponto, o que lhe confere sua tensão específica, é repelir o espaço circundante, rejeitar espalhar-se e dissolver-se nele” (HENRY, 2012, p.66). O ponto, isolado, parece ser também a instauração de um apoio, ainda que provisório, ainda que uma pausa, e, visto que “experimenta-se o gozo com intervalos” (D’ÁVILA, 2012, p.185.), as reticências são, por sua vez, a instauração de mais pausas, de um a mais nas pausas – como se, para que o gozo seja suportável, fosse necessário pontuar o ritmo de sua passagem; reticências, “esses três pontos [que] se referem ao uso comum dos textos impressos – o que é curioso – para marcar ou criar um vazio” (LACAN, 2012, p.11.), é o sinal gráfico usado na escrita para marcar interrupção, supressão, insinuação ou incompletude do pensamento ou hesitação na enunciação (cf. BECHARA, 2009, p.517.); num diálogo, indica a não resposta do interlocutor (cf. BECHARA, 2009, p.517). É necessário, pois, diante do mais, ao menos pespontar o gozo para que haja um corpo que, não-todo, o suporte – é necessário corte para que haja uma costura não-toda e que um tecido vista um corpo, e o ponto se afirme como uma forma de escrita que multiplica as pausas, os fins, dando-lhes lugar: faz barreira ao ilimitado, situa

sem criar significação: algo vivido no corpo não cabe à e na língua e pela escrita se escreve não-todo, um a um, ponto a ponto a ponto.

Escrita que cria, pois, furo pela costura que o aborda, cria o “ponto de letra”, ou, em Antonieta Farani, pontos de letra, “ponto de furo, [para] onde toda significação escoá” e para onde “convergem também todas as significações possíveis (e impossíveis), todas as linhas mestras, como no ponto de fuga” (CASTELLO BRANCO, 2000, p.28). Escrita que da linguagem se esvazia e faz, do ponto a ponto a ponto, uma “linguagem mais plena [,] a mais transparente, a mais nula, como se quisesse deixar fugir infinitamente a própria cavidade que ela encerra, uma espécie de pequena cova do vazio” (BLANCHOT, 2011, p.81), ponto a ponto a ponto que faz, no singular, borda, bordadura: “e o que borda a letra? A letra borda justamente o furo” (CASTELLO BRANCO, 2000, p.23). Furo ritmado, a cada vez que se mancha a página com um ponto, o finito que ali resta aparece como borda do infinito, e mais o infinito se mostra como *in*, ou o finito, aquilo que se recorta do infinito, é a notícia, talvez a única notícia, de que há um infinito; cada roupa, cada página, uma a uma, que, na solidão, se corta e cose, se escreve, anuncia, revela e torna a velar, concomitantemente, o infinito de todos os tecidos ainda não tramados, de todas as páginas ainda não escritas, ainda em ebulição no interior dos insetos, no miolo dos frutos, na superfície dos animais, na nervura das plantas, ainda não ao alcance da mão, e já anunciados. Assim na escrita, assim no gozo, o finito da mística se diz não-todo infinito e a ponta do seu lápis, nele, está fincada, como o cutelo no peito da oblação, a escrever: “Escrever. Não posso./ Ninguém pode. É preciso dizer:/ não se pode./ E se escreve” (DURAS, 1993, p.46-47, tradução nossa): o não saber escrever instaura o impossível como lugar de onde se escreve e lugar que se escreve: corpo arremessado fora nos seus furos, ponto a ponto a ponto suturados: “Nada de surpreendente se os nossos pensamentos, ideias e imagens, em vez de se demorarem sobre a extensão dos bordos, se abismem em buracos: cavernas, bocas uivantes, corações trespassados [...] o corpo todo como o seu próprio precipitar no não-lugar” (NANCY, 2001, p.74).

Para, ainda mais, multiplicar o fim, para que gozemos o texto de Antonieta, passo à não-toda leitura, ponto a ponto a ponto:

Ó Senhor, como selaste aquele momento!... Faz 25 anos, que, entregando-me o programa da hóstia-viva, me colocaste neste **martírio de Fé, de Amor e de Desejo** que me mantém nesta **morte sempre renovada** pela ação misericordiosa do Teu Amor!...

Ó Jesus, como me amas para assim sacrificares junto com Tua mesma Vida, esta mísera que tantas vezes logrou esta morte vital do amor...

... E, ó Amado, esse aumento de Fé, de Amor e de Desejo, naturalmente, **aumenta esse martírio gozoso, doloroso, amoroso...**

Nada vejo, nada sinto, nada entendo! Acho admirável esse **Comércio do Criador com a criatura**, essa relação, essa intimidade de Deus

três vezes Santo com a criatura, nada, inconstante... Então a Fé, essa Luz, força e apoio, vem explicar... e me dobra... e exclamo: **Creio! Quero crer! Devo crer!**

Amo, desejo amar, sou amada... conheço o que sou e o quanto devo. Sinto-me incapaz... debato-me... e sofro e gozo e me aniquilo e exclamo: ... não amo... quero amar... não sei amar... não posso...

Desejo, sou feliz em desejar... conheço... e quanto mais aumenta o conhecimento de certas possibilidades, mais aumenta o desejo de possuí-las, realizá-las, satisfazê-las!... Dá-me Jesus... (24/09/1957) (FARANI, 1990, p.43-44).

REFERÊNCIAS

- BALTHASAR, Hans Urs von. *Ensayos Teológicos: IV Pneuma e Institución*. Trad. Eloy Rodriguez Navarro. Madrid: Encuentro, 2008.
- BALTHASAR, Hans Urs von. *Somente o amor é acreditável*. Caxias do Sul: Paulinas, 1969.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2009.
- BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- CASTELLO BRANCO, Lucia. **O que é escrita feminina?**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CASTELLO BRANCO, Lucia. **Os absolutamente sós**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- CERTEAU, Michel de. **A fábula mística**. vol 1. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2015.
- D'ÁVILA, Santa Teresa. **Livro da vida**. Trad. Marcelo Musa Cavallari. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.
- DURAS, Marguerite. *Écrire*. Paris: Gallimard, 1993.
- FARANI, Antonieta. **A cantora do amor**: Perfil da serva de Deus visto através de seus escritos. Organização e comentários Pe. Sílvio Mazarotto. Curitiba: Gráfica Bentivegna Editora, 1990.
- FARANI. **Carta de 17/03/1957**, fac-símile.
- HENRY, Michel. **Ver o invisível**: sobre Kandinsky. Trad. Marcelo Rouanet. São Paulo: É Realizações, 2012.
- LACAN, Jacques. **Encore (1972-1973)**. Trad. Ana Lucia Teixeira Ribeiro. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2010.
- LACAN, Jacques. **Seminário 19: ... ou pior**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.
- LACAN, Jacques. **O Seminário: 20, Mais ainda**. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LLANSOL, Maria Gabriela. **O livro das comunidades**. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.
- NANCY, Jean-Luc. **Corpus**. Trad. Tomás Maia. Lisboa: Passagens, 2001.
- POMMIER, Gerard. **A exceção feminina: os impasses do gozo**. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.